

EDITORIAL**Maria Helena Machado de Moraes**

Professora no Curso de Bacharelado em Biblioteconomia. Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.
hmachmor@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8066-1591>

Luan Soares Silva

Graduando em Biblioteconomia. Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.
luansilva712@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1494-0311>

Nivaldo Calixto Ribeiro

Doutor em Gestão e Organização do Conhecimento. Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGGOC/UFMG). Bibliotecário da Universidade Federal de Lavras (UFLA)
nivaldo@ufla.br/zoopas@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-0650-0121>

Angélica Conceição Dias Miranda

Professora no Curso de Bacharelado em Biblioteconomia, no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências e no Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil
angelicacdm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3624-4616>

Atuar em prol de uma ciência para a sociedade, ampliar os resultados das pesquisas e diminuir barreiras de acesso ao conhecimento, tem sido um trabalho árduo dos que atuam de forma voluntária em prol da democratização do conhecimento, sendo dessa forma que a Ciência aberta ganha espaço.

O estudo acerca das ferramentas para tal ação, faz com que tenhamos uma noção do trabalho que foi feito e do que temos pela frente, um dos exemplos pode ser o Directory of Open Access Journals (**DOAJ**), um portal de revistas científicas de acesso aberto, mantido pela Lund University Libraries na Suécia, que ao longo dos últimos anos, multiplicou-se. O ganho é da comunidade científica que passou a ter amplo acesso, afinal, são 80 idiomas, 135 países representados, 13.388 periódicos que não cobram taxa de publicação, mais de 9.274.550 registros de artigos (DOAJ, 2023). Diversas outras fontes, atuam em prol da divulgação científica, mas as lacunas existem e para muitos os termos supracitados são desconhecidos.

O Brasil, por meio do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e tecnologia – Ibict, possibilita novas formas de acesso ao conhecimento produzido, seja por meio do apoio aos repositórios digitais, institucionais, temáticos e/ou de dados de pesquisa, da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, <https://btdt.ibict.br/vufind/>, dos periódicos científicos, como exemplo o Oasisbr, o Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto – <https://oasisbr.ibict.br/vufind/>, o Miguelim, Diretório das revistas científicas eletrônicas brasileiras – <https://miguelim.ibict.br/>, o BR-CRIS, Ecosistema de Informação da Pesquisa Científica Brasileira – <https://brcris.ibict.br/vivo/>, a Cariniana, Rede Brasileira de Serviços de Preservação Digital – <https://cariniana.ibict.br/>, entre outros. A busca e disponibilização de novas formas

de publicizar o conhecimento produzido, o apoio em prol de uma ciência aberta, alimentam os sistemas de produção que se esforçam por esse tema.

A comunicação científica apresenta transformações significativas desde o final dos anos 1990, a cada década, novas mudanças se incorporam. Saímos do modelo de revista impressa, que já foi mais valorizada que a online (Qualis CAPES, 2009) e adentramos ao mundo digital em que se configuram hoje as revistas disponíveis no formato eletrônico, com todos os seus processos. Ademais, o modelo de revisão anônima perde espaço para a revisão aberta em que *papers* e avaliações podem ser disponibilizados. O *preprint*, discutido desde o século passado, como uma publicação sem a revisão por pares, conforme descrevem Xie, Shein e Wang (2021), “[...] desde o lançamento do arXiv em 1991, as pré-impressões têm sido cada vez mais distribuídas pela Internet, em oposição às cópias em papel” ganha outra compreensão, que é necessário divulgar e compartilhar para discutir, ajustar e compartilhar novamente.

Conforme Príncipe (2021) “[...] o movimento da Ciência Aberta evidencia um novo *modus operandi* de fazer e comunicar a ciência, abarcando um conjunto de práticas”, corroborando uma nova visão do mundo científico. Sobre o *preprint*, destacou que “o seu principal objetivo é acelerar o processo da comunicação científica, de maneira aberta, imediata e ampla, opondo-se ao sistema tradicional que se apresenta fechado, moroso e restrito na avaliação dos artigos pelos pares” (Príncipe, 2021). E a visão de Packer e Santos (2019), citados por Príncipe (2021) expõe a transparência e abertura progressiva nos processos de avaliação de manuscritos por pares. Embora não seja um assunto fechado, uma vez que não está sendo discutido de forma geral, bem como geram muitas dúvidas em relação aos prós e contras, a temática trouxe a tona mais um viés para se discutir a comunicação científica.

Compreendemos que a comunicação científica, conforme diz Meadows (1999, p. 7), é o coração da ciência, por esse viés, o processo de revisão por pares é o reconhecimento (ou não) do manuscrito, uma vez que essa validação é o meio de afirmar que o trabalho tem mérito científico. Todavia, novos tempos e visões são bem vindas, assim, as equipes editoriais vivem momentos sólidos de mudanças no ciclo da comunicação e divulgação científica, sendo esse um caminho sem volta, assim como foi o processo de mudança das revistas científicas do meio impresso para o digital.

Consciente de tais mudanças é que a Biblos – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, busca novos caminhos no processo de comunicação e divulgação científica de suas publicações. Por meio de uma experiência pioneira em 2023, prepara-se, para a partir do ano

de 2024, adequar-se aos novos processos editoriais, dentre eles a adoção da avaliação aberta, da publicação de manuscritos, bem como da exigência dos dados de pesquisa.

Mudar nunca é fácil, ainda mais quando o trabalho das equipes de editoração baseiam-se no voluntariado acadêmico. No entanto, é importante que as mudanças ocorram, em prol de uma ciência acessível à todos. Caso contrário, continuaremos pautados em limitações da divulgação científica, seja pelo acesso restrito que as grandes editoras impõem, seja pelo desconhecimento das diferentes ferramentas de pesquisas disponibilizadas pelas tecnologias digitais. Por uma ciência aberta, acessível à sociedade!

REFERÊNCIAS

- BDTD. [s. d.]. Disponível em: <https://bdttd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 16 out. 2023.
- BRCRIS. [s. d.]. Disponível em: <https://brcris.ibict.br/vivo/>. Acesso em: 16 out. 2023.
- CARINIANA | REDE BRASILEIRA DE SERVIÇOS DE PRESERVAÇÃO DIGITAL. [s. d.]. Disponível em: <https://cariniana.ibict.br/>. Acesso em: 16 out. 2023.
- DIRECTORY OF OPEN ACCESS JOURNALS – DOAJ. 16 out. 2023. Disponível em: <https://doaj.org/>. Acesso em: 16 out. 2023.
- DIRECTORY OF OPEN ACCESS JOURNALS – DOAJ. [s. d.]. Disponível em: <https://doaj.org/>. Acesso em: 16 out. 2023.
- MEADOWS, A. J. A comunicação científica. Brasília: Briquet de Lemos, 1999. 268 p.
- MIGUILIM: INÍCIO. [s. d.]. Disponível em: <https://miguilim.ibict.br/>. Acesso em: 16 out. 2023.
- PRÍNCIPE, Eloísa. PRÁTICA DA CIÊNCIA ABERTA: os preprints em movimento. **Páginas a&b: arquivos e bibliotecas**, v. 0, n. 0, p. 59-70, 19 mar. 2021. Disponível em: <http://aleph.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/10177>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- XIE, Boya; SHEN, Zhihong; WANG, Kuansan. Is preprint the future of science? A thirty year journey of online preprint services. 17 fev. 2021. Disponível em: <http://arxiv.org/abs/2102.09066>. Acesso em: 16 jul. 2023.